

REVISITANDO OS ESPÍRITOS EM PRISÃO: UMA ANÁLISE DE 1PEDRO 3.18-22 E JUDAS 6

*Leandro Lima**

RESUMO

O artigo retoma a antiga discussão sobre a questão do pecado de alguns anjos com mulheres em Gênesis 6.1-4, e seu aprisionamento, à luz dos textos de 1Pedro 3.18-22, Judas 6 e também 2Pedro 2.4. Considera o desenvolvimento histórico do assunto e suas controvérsias, especialmente entre os primeiros pais da igreja até Agostinho, e a retomada do mesmo na época atual entre os principais comentaristas conservadores e reformados dos livros de Judas e Pedro. O relacionamento dos anjos com as mulheres é sustentado a partir do texto de Gênesis 6.1-4 por meio da literatura apócrifa e pseudoepígrafa. O artigo defende que essa interpretação é sustentada também pelos livros de 1 e 2 Pedro e Judas, a partir de uma comparação textual, exegética e teológica dessas passagens com o livro de 1Enoque. O artigo discute algumas implicações dessa teoria e oferece explicações para alguns dos pontos mais controversos.

PALAVRAS-CHAVE

Espíritos em prisão; Anjos caídos; Gênesis 6.1-4; Pecado com as mulheres; Literatura apócrifa; 1Pedro 3.18-22; Judas 6.

INTRODUÇÃO

Quem são os espíritos em prisão aos quais Cristo fez uma proclamação após ter sido “morto na carne”, porém “vivificado em espírito”? (1Pe 3.18-19). Quem são os anjos que pecaram, segundo Judas 6, os quais foram “algemados” e “aprisionados nas trevas” ou, de acordo com 2Pedro 2.4, foram “precipitados no tártaro” em “abismos de trevas”? Trata-se dos mesmos personagens?

* Mestre em Teologia pelo CPAJ e doutor em Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; professor de Novo Testamento no CPAJ.

Quando eles pecaram, e qual foi o pecado deles? Esse, sem dúvida, é um dos assuntos mais difíceis em discussão na história da teologia cristã, tendo recebido grande destaque especialmente nos primeiros séculos do cristianismo, quando a influência do judaísmo era mais sentida nos círculos cristãos. Porém, o assunto saiu de cena posteriormente, e hoje é visto com certa suspeita por muitos cristãos, quase como se fosse um tópico que não se deveria comentar. Há alguma razão fundamentada para esse “quase” temor? Ou, como pergunta VanGemerem: por que cristãos que creem em tantos fatos sobrenaturais da Bíblia têm dificuldade em crer que, de algum modo, anjos caídos se relacionaram com mulheres e foram punidos por Deus?¹

Muitos dos primeiros “pais da igreja”² seguiram a interpretação judaica que relacionava espíritos aprisionados com anjos que haviam se relacionado com mulheres antes do dilúvio, conforme relata o texto de Gênesis 6.1-2.³ Porém, aos poucos, a ideia de que Cristo teria ido ao inferno⁴ após a morte e

¹ VANGEMEREN, W. A. The sons of God in Genesis 6:1-4: an example of evangelical demythologization. *The Westminster Theological Journal* 43, 2 (1981), 320-348, p. 320.

² Justino (100-165), no segundo século, diz que os anjos tinham uma função de cuidar dos homens, “mas, os anjos transgrediram esse mandamento, e tornaram-se cativos pelo amor de mulheres, e geraram filhos que foram aqueles que foram chamados demônios” (JUSTIN MARTYR, *The Second Apology of Justin*, 5. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland (Eds.). *The Ante-Nicene Fathers*. Buffalo, NY: The Christian Literature Company, 1885, vol. 1, p. 190). Irineu (130-202) igualmente diz que o dilúvio teve o propósito “de extinguir aquela mais infame raça de homens que existiu, que não podia frutificar para Deus, uma vez que os anjos haviam pecado e se misturado com eles” (IRENÆUS OF LYONS, *Against Heresies*, IV.36.4; *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 1, p. 516). Clemente de Alexandria (150-215) escreveu: “Um exemplo disso são os anjos, que renunciaram à beleza de Deus pela beleza que perece, e então caíram do céu para a terra” (CLEMENT OF ALEXANDRIA, *The Instructor*, III.2; *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 2, p. 274). Orígenes (c. 185) também reconhece esse ensino judaico, apesar de mencioná-lo indiretamente em sua obra *Contra Celso*, por causa dos abusos cometidos pelo opositor (ORIGEN, *Against Celsus*, 5.55; *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 4, p. 567). E Tertuliano (160-220), comentando o texto de Paulo sobre as mulheres precisarem usar véu por causa dos anjos, entende que isso tem relação com o pecado dos anjos com as mulheres em Gênesis 6 (TERTULLIAN, *On Prayer* 22; *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 3, p. 688). Ele menciona isso explicitamente em outro texto, quando fala da condenação dos anjos que “desceram do céu para as filhas dos homens” (TERTULLIAN, *De cultu feminarum* 1.2; *The Ante-Nicene Fathers*, vol. 4, p. 15).

³ Segundo Peter H. Davids, entretanto, a interpretação dos anjos permaneceu unânime até o século 3º. DAVIDS, Peter H. *The letters of 2 Peter and Jude*. The Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006, p. 49. Segundo Richard Bauckham, só desapareceu no século 5º. Porém, desapareceu antes disso no judaísmo, no tempo do rabino Simeon B. Yohai, na metade do segundo século, que passou a identificar os filhos de Deus com homens. BAUCKHAM, Richard J. *2 Peter, Jude*. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1998, vol. 50, p. 51.

⁴ Isso pode ser visto, provavelmente, no próprio Credo Apostólico, que menciona a descida de Cristo ao Hades. Porém, é discutível se essa expressão conteria o significado de uma proclamação para almas. Inclusive, a própria expressão do credo é discutível, pois ela não se encontra nas versões mais antigas, tendo sido incluída, até onde se sabe, por Rufino, a partir do século IV, porém apenas substituindo os termos “crucificado, morto e sepultado”. Posteriormente, a partir do século VII, a frase se tornou um acréscimo. Ver CAMPOS, Heber Carlos de. *Descendit ad inferna: uma análise da expressão “desceu ao Hades” no cristianismo Histórico*. *Fides Reformata* 4/1 (1999), p. 103-128.

antes da ressurreição, e lá pregado para almas, começou a dominar a interpretação. É contra isso que Agostinho (354-430) se revoltou no quinto século, ao demonstrar acertadamente que não faria nenhum sentido Cristo ir ao inferno e pregar a apenas um grupo de condenados, deixando todos os demais sem pregação.⁵ A influência de Agostinho se fez sentir nos séculos seguintes, quando essa teoria foi praticamente varrida da teologia cristã.⁶ Porém, de certo modo, Agostinho não atacou o significado original pretendido pela interpretação, o qual não dizia respeito à pregação do Evangelho para almas de mortos no inferno, mas a outro tipo de pregação para outro tipo de espírito, e em outro lugar. No entanto, deve ser notado que essa teoria reapareceu, principalmente durante os estudos críticos no período do movimento liberal no século 19. E, por esse motivo, acabou sendo ainda mais rejeitada dentro de muitos círculos conservadores, pois ficou associada com a crítica liberal da Escritura, ou seja, um modo de dizer que os autores do Novo Testamento interpretaram mal o Antigo Testamento, e se basearam em mitos pagãos.

Entretanto, o assunto ressurgiu mais uma vez nos últimos vinte anos, agora dentro do ambiente conservador, quando vários estudiosos evangélicos de primeira linha do Novo Testamento voltaram seus olhos com mais atenção para os referidos textos, especialmente o texto de Judas 6, e reconheceram com grande probabilidade que o autor apoiou a interpretação judaica de que, no texto de Gênesis 6, anjos se relacionaram com mulheres. Por exemplo, o exegeta Thomas R. Schreiner, comentando Judas 6, assevera que: “Nós podemos estar quase certos de que Judas se referiu aqui ao pecado dos anjos

⁵ “Como foi que Cristo, encontrando aqueles no inferno, não pregou para eles, mas pregou somente para aqueles que foram incrédulos nos dias de Noé, quando a arca estava em preparação? Ou se ele pregou a todos, por que Pedro mencionou apenas esses, e deixou de lado a inúmera multidão de outros”. AUGUSTINE OF HIPPO, *The Confessions and Letters of St. Augustin with a Sketch of His Life and Work*. In: SCHAFF, Philip (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*, Buffalo, NY: The Christian Literature Company, 1886, vol. 1, p. 515). Recusando-se a aceitar que pudesse haver uma oferta de perdão para pessoas no inferno, Agostinho entendeu que Pedro estava apenas fazendo uma comparação entre as pessoas desobedientes dos dias de Noé e os desobedientes dos dias de Pedro. Porém, Agostinho não ignorava as dificuldades da passagem: “também as dificuldades me previnem de pronunciar uma opinião definitiva neste assunto”. *Ibid.*, p. 518.

⁶ Agostinho interpretou o texto de 1Pedro 3.18-19 como o ato de Cristo, antes da encarnação, de pregar em espírito, através de Noé, aos seus contemporâneos: “Tudo o que o apóstolo Pedro diz a respeito dos espíritos em prisão, que foram incrédulos nos dias de Noé, pode ter sido escrito sem qualquer referência ao inferno, mas para aqueles tempos” (*Ibid.*, p. 519). Ele conclui: “Para os homens dos tempos de Noé, o evangelho foi pregado em vão, porque eles não creram enquanto a longanimidade de Deus aguardava por eles durante os muitos anos em que a arca estava sendo construída (pois a construção da arca foi em si mesma em um certo sentido uma pregação de misericórdia” (*Ibid.*, p. 520). Atualmente, o maior defensor dessa teoria de que Cristo pregou em espírito por meio de Noé provavelmente seja: GRUDEM, Wayne. *1 Peter*. Leicester/Grand Rapids: InterVarsity/Eerdmans, 1995, p. 157-162.

em Gn 6.1-4”.⁷ Do mesmo modo, Peter H. Davids reconhece que “Judas, então, se refere aos anjos (também chamados de “Vigilantes” em 1 Enoque e outras literaturas), como os anjos, os filhos do céu”.⁸ E também J. N. D. Kelly: “Esses são os “filhos de Deus” de acordo com Gn 6.1-4, que cederam à atração das “filhas dos homens” e formaram união com elas”.⁹ Este também é o entendimento de Richard Bauckham¹⁰ e de I. Howard Marshall, que admite que os “espíritos em prisão” aos quais Cristo fez uma proclamação após sua ressurreição foram aqueles anjos que “seduziram a humanidade nos dias anteriores ao dilúvio”.¹¹ Douglas J. Moo assevera que, “desde que Judas cita este livro (Livro de Enoque) nos versos 14-15, nós temos quase certeza em identificar esta história como a que ele tem em mente no verso 6”.¹² E acrescenta que essa é a opinião da maioria dos comentaristas recentes.¹³

Portanto, há um renovado interesse no assunto, com muitos exegetas do Novo Testamento se posicionando a favor da teoria do pecado dos anjos como tendo sido relações sexuais com mulheres, e isso exige que visitemos outra vez o assunto. Nesse sentido, o título do artigo é uma espécie de trocadilho por causa da visita de Jesus aos espíritos em prisão. A posição deste texto é que a Bíblia como um todo favorece o entendimento de que anjos caídos se relacionaram com mulheres e foram aprisionados por causa disso. Esse assunto não é de pouco interesse, pois a compreensão dele contribui para um melhor entendimento da cosmovisão bíblica e da própria redenção realizada por Cristo. No entanto, no nosso entendimento, o assunto não deve servir de “cavalo de batalha”, nem como pretexto para ataques pessoais. É um tema que precisa ser tratado academicamente, com respeito e moderação, diante das opiniões contrárias. Não pretendemos aqui dar uma palavra final sobre o tema, mas apenas chamar a atenção para alguns pontos que são frequentemente ignorados por muitos leitores do Novo Testamento.

1. OS “FILHOS DE DEUS” DE GÊNESIS 6

Apesar do assunto da visita de Jesus aos espíritos em prisão estar no Novo Testamento, ela na verdade é dependente do texto de Gênesis 6.1-4, o

⁷ SCHREINER, Thomas R. *1, 2 Peter, Jude. The New American Commentary*. Nashville: Broadman & Holman, 2003, 37:447-448.

⁸ DAVIDS, *The letters of 2 Peter and Jude*, p. 49.

⁹ KELLY, J. N. D. *The Epistles of Peter and of Jude*. Black's New Testament Commentary. London: Continuum, 1969, p. 256.

¹⁰ BAUCKHAM, *2 Peter, Jude*, 50:50-53.

¹¹ MARSHALL, Howard. *1 Peter*. Downers Grove: Intervarsity, 1991, p. 125.

¹² MOO, Douglas J. *2 Peter, Jude. The NIV Application Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 241.

¹³ Ibid.

debatido texto que menciona o relacionamento entre os filhos de Deus e as filhas dos homens. Portanto, a pergunta que precisa ser respondida é se Judas e Pedro seguiram a interpretação judaica de que os anjos aprisionados foram aqueles que haviam se prostituído com as mulheres em Gênesis 6. Porém, antes de tentar responder essa pergunta, precisamos ver o que o próprio texto diz. No entanto, essa análise será breve, pois nosso foco está nas epístolas de Judas e Pedro.

Geralmente se diz que a simples leitura de Gênesis 6 não parece suficiente para definir a questão. Porém, não se pode deixar de notar alguns indícios que apontam no sentido de identificar “filhos de Deus” com seres celestiais, como reconhece Bruce Waltke em seu celebrado comentário de Gênesis.¹⁴

O texto de Gênesis diz: “Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram” (6.1-2).

Se, por um lado, é verdade que, superficialmente, a passagem poderia ser aplicada à mistura de raças, ou seja, que os descendentes de Sete se casaram com as descendentes de Caim, quando se observa mais detalhadamente a passagem isso se torna bastante difícil de ser sustentado. Desde os tempos antigos, muitos intérpretes judeus tiveram dificuldade em aceitar essa posição, e um dos motivos era o fato de que apenas “homens” da descendência de Sete teriam então se casado com “mulheres” da descendência de Caim. Por que não vice-versa? Se alguém ler o capítulo anterior, por várias vezes filhas são mencionadas na descendência de Sete (Gn 5). Então, por que agora, no capítulo 6, limita-se o termo apenas às filhas de Caim? Além disso, o texto não menciona “filhas de Caim”, mas “filhas de Adão” (אֲתֵּי-בָנוֹת הָאָדָם), que pode ser tomado como “filhas *do homem*”, ou seja, descendentes humanas. Não há nenhuma razão gramatical para restringir isso às “filhas de Caim”. Por outro lado, percebe-se que, no Antigo Testamento, o termo “filhos de Deus” (בְּנֵי-הָאֱלֹהִים) não é aplicado diretamente aos homens.¹⁵ Na verdade,

¹⁴ Bruce K. Waltke argumenta que a ideia de casamento entre grupos humanos, como raças distintas, ou seja, descendentes de Sete e descendentes de Caim, precisa ser rejeitada “por razões filológicas” (*Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 139). Ele argumenta que a filologia do texto favorece a ideia de “seres divinos”, e não humanos. Entretanto, Waltke rejeita a ideia de que anjos pudessem tomar esposas e se reproduzir, e reconhece o valor parcial da tese de Meredith Kline a respeito dos “reis da antiguidade” que tomavam mulheres para si. Ver: KLINE, M. G. *Divine Kingship and Sons of God in Genesis 6.1-4*. *Westminster Theological Journal* 24 (1962) p. 187-204. Waltke propõe uma interpretação mista, ou seja, “os tiranos eram possesores de demônios” (2010, p. 141). Ainda assim, deve ser notado que Waltke segue uma interpretação “sobrenatural” da passagem, pois, de algum modo, os nefilins, filhos gerados naquele período, precisam ser reconhecidos como filhos de demônios.

¹⁵ Exceto em Oseias 1.10, uma profecia que só parece ter cumprimento no Novo Testamento.

fora de Gênesis 6, o termo só aparece no livro de Jó e no Salmo 29.1. Em Jó, ele é claramente aplicado aos anjos, entre os quais estava Satanás: “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles”. No Salmo 29.1, o termo pode se aplicar também aos anjos reunidos em assembleia celeste. De qualquer modo, a única referência explícita do termo no Antigo Testamento é para anjos. Além disso, o Gênesis narra o aparente estranho resultado daquela união: “Ora, naquele tempo havia gigantes (הַנְּפִלִים) na terra; e também depois,¹⁶ quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade” (Gn 6.4). Esses gigantes ou “nefilins” (הַנְּפִלִים), que é o termo hebraico para “gigantes”, parecem ser o resultado direto daqueles casamentos impróprios; do contrário, a aparição deles no texto soaria desconexa. Provavelmente, o termo *nefilim* vem da raiz hebraica “cair” ou “caído”.¹⁷ É evidente que todas essas expressões, como observa VanGemergen, apontam para algo não natural, algo que extrapola a ideia de uma simples “mistura de genealogias”.¹⁸ De fato, nem sequer havia uma proibição anterior na Bíblia a que os filhos de Sete não se casassem com as filhas de Caim. Por isso, uma simples mistura de raças não parece ser motivo suficiente para a corrupção descrita no capítulo 6 de Gênesis, e para a própria ira de Deus sobre os homens, ao ponto de decidir destruir tudo. Algo muito mais grave e terrível parece ter acontecido.

2. JUDAS E A LITERATURA APÓCRIFA

Certamente alguém poderia dizer: o texto de Gênesis 6.1-4 não permite fechar a questão, e o simples fato de os rabinos judeus, ou grandes intérpretes do Antigo Testamento como Waltke e VanGemergen, crerem que não eram homens, mas anjos ou demônios, não prova nada. Em resposta a isso pode ser dito que, mesmo que admitamos que o texto de Gênesis, em si mesmo, não fecha a questão, não se pode deixar de notar que as objeções à mistura

¹⁶ O sentido da expressão “e também depois” não parece indicar que os nefilins estavam na terra “antes” dos filhos de Deus se unirem às filhas dos homens. O texto começa explicando que os nefilins estavam sobre a terra naqueles dias, tendo já mencionado que os filhos de Deus tomaram mulheres para si. Portanto, o “também depois” quer explicar que os nefilins continuaram existindo na terra “também” após aquele acontecimento da união. Eles só seriam destruídos no dilúvio.

¹⁷ WALTKE, Bruce. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 142.

¹⁸ O interessante artigo de VanGemergen questiona a dificuldade dos exegetas conservadores em aceitar que Gênesis 6.1-4 esteja falando do relacionamento de anjos caídos com mulheres como um caso de “desmitologização” evangélica. Ou seja, uma vez que o assunto parece “racionalmente” difícil de ser aceito, muitos exegetas evangélicos simplesmente o rejeitam, buscando soluções mais racionais. VANGEMEREN, The sons of God in Genesis 6:1-4, p. 320-348. O autor questiona: “Por que os evangélicos preferem uma explicação naturalista e racional da passagem?” (p. 322).

de raças são muito fortes *no próprio texto*. Quanto à questão da interpretação judaica expressa principalmente nos livros apócrifos de 1 Enoque, Jubileus e Testamento dos Doze Patriarcas, é preciso reconhecer prontamente que esses livros não são inspirados e, portanto, não são fonte de autoridade para a teologia cristã. No entanto, eles podem conter verdades. A questão, portanto, é: o Novo Testamento reconhece algumas verdades desses livros, especialmente no que diz respeito ao pecado dos anjos em Gênesis 6? Se o Novo Testamento reconhece isso como verdadeiro, então o teólogo cristão precisa admitir que essa é a interpretação correta de Gênesis 6, não importa se os livros apócrifos tenham interpretações mais fantasiosas sobre isso. O peso da inspiração do Novo Testamento precisa ser respeitado, quer o intérprete goste ou não da interpretação. Portanto, a questão não é apelar para os livros apócrifos para sustentar a teoria, e sim reconhecer que o Novo Testamento a reconhece. Portanto, é a autoridade do Novo Testamento que define a questão.

No nosso entendimento, e também no da vasta maioria dos eruditos conservadores atuais do Novo Testamento, há fortíssimos indícios de que o Novo Testamento confirma essa interpretação judaica de Gênesis 6. Mas, antes de avaliar esses indícios, é preciso ver com mais detalhes a teoria judaica de que anjos se relacionaram com mulheres.

Como é de conhecimento amplo, essa teoria sobreviveu especialmente na tradição apocalíptica judaica. Há três livros bem conhecidos que mencionam o fato. O livro dos Jubileus, o Testamento dos Doze Patriarcas e o Livro de Enoque. Esses três livros foram compostos entre o segundo e o primeiro séculos antes de Cristo. Também aparecem menções no Documento de Damasco, no livro do Eclesiástico, em 3 Macabeus e em fragmentos dos manuscritos do Mar Morto, os quais compreendem um período maior de tempo, podendo inclusive ser parcialmente datados como posteriores a Cristo. Esses livros judaicos interpretam que anjos, chamados de guardiões, se relacionaram com as mulheres, gerando gigantes demoníacos, os quais foram exterminados no dilúvio.¹⁹ A questão que surge é a seguinte: uma vez que essa interpretação era amplamente conhecida nos dias de Jesus e do Novo Testamento, como as provas documentais atestam, se ela estivesse errada, o Novo Testamento deveria condená-la de alguma maneira, já que a menciona. Porém, não só o Novo Testamento não a condena, como há fortes indícios de que a aprova, em pelo menos quatro livros, que são as duas cartas de Pedro,

¹⁹ As almas desses gigantes permaneceram na terra após a destruição deles como espíritos malignos. Essa seria a origem dos demônios no Novo Testamento. De fato, a terminologia utilizada nos evangelhos sugere isso, mas não há apoio explícito a essa teoria. No entanto, nesse caso, o argumento do silêncio parece favorecer a teoria, pois sendo ela bem conhecida, novamente se esperaria do Novo Testamento algum repúdio.

a carta de Judas e indiretamente também o livro do Apocalipse, pois todos esses livros mencionam anjos ou espíritos em prisão (1Pe 3.18-20; 2Pe 2.4; Judas 6; Apocalipse 9).

A questão, portanto, é: de onde vem esse conceito de anjos em prisão que todos esses textos mencionam? E a resposta mais plausível é: daqueles livros apócrifos mencionados acima. Isso é algo que pode ser documentalmente comprovado. O autor da carta de Judas cita explicitamente o livro de 1Enoque, que é o principal livro da tradição apocalíptica judaica que defende o relacionamento dos anjos caídos com mulheres: “Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele” (Judas 14-15). Esse texto, que inclusive cita Enoque como seu autor, está integralmente em 1Enoque 1.9: “Ele virá com milhares de Santos, para exercer o julgamento sobre o mundo inteiro e aniquilar todos os malfetores, reprimir toda carne pelas más ações tão iniquamente perpetradas e pelas palavras arrogantes que os pecadores insolentemente proferiram contra Ele”.²⁰ Apesar dos esforços de alguns intérpretes em dissociar os dois textos,²¹ uma olhada nos textos gregos mostra que Judas citou com bastante precisão o texto do livro de 1Enoque. O seguinte quadro nos ajuda a ver as semelhanças tanto em português quanto em grego:

²⁰ As citações de 1Enoque deste trabalho são extraídas de: *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*, tradução Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004. No entanto, deve ser notado que a numeração dos versos pode variar em relação a outras versões.

²¹ Um grande “esforço” nesse sentido é feito por Kistemaker. Porém ele se contenta em dizer que “sem dúvida, devemos evitar dar grande importância às tradições que vinculam a queda dos anjos com o casamento entre ‘os filhos de Deus’ e ‘as filhas dos homens’ (Gn 6.2)”. Kistemaker chega a essa conclusão por causa da seguinte premissa: “Os anjos são seres espirituais, e por isso não possuem corpo físico e não têm a possibilidade de procriar”. KISTEMAKER, Simon J. *1 y 2 Pedro, Judas*. Grand Rapids: Libros Desafio, 1994, p. 432. Para corroborar isso, ele cita a passagem de Mt 22.30. Ou seja, a rejeição da teoria se dá por motivos teológicos, porém não sob verdadeira base exegética. Mesmo reconhecendo a dependência gramatical que Judas tem em relação a 1Enoque, ao comparar frases dos dois livros, Kistemaker recusa-se a admitir o óbvio: “Ainda que a linguagem da Epístola de Judas se pareça verbalmente com as passagens selecionadas de 1Enoque, Judas não apresenta nenhuma evidência de que sua intenção é dizer que os anjos caídos são os filhos de Deus que se uniram às filhas dos homens (Gn 6.2). Judas conhece esta interpretação, porém notamos que não endossa esta ideia em sua epístola” (p. 434). Mas, como já dissemos, se ele não endossava, tinha toda a obrigação de demonstrar isso, uma vez que citou com aprovação passagens do referido livro. O silêncio, nesse sentido, seria conivente.

Judas 14-15	1 Enoque 1.9
Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.	Ele virá com milhares de Santos, para exercer o julgamento sobre o mundo inteiro e aniquilar todos os malfeitores, reprimir toda carne pelas más ações tão iniquamente perpetradas e pelas palavras arrogantes que os pecadores insolentemente proferiram contra ele.
Judas 14-15: 14 Προεφήτευσεν δὲ καὶ τούτοις ἑβδομος ἀπὸ Ἀδὰμ Ἐνώχ λέγων· ἰδοὺ ἦλθεν κύριος ἐν ἀγίαις μυριάσιν αὐτοῦ 15 ποιῆσαι κρίσιν κατὰ πάντων καὶ ἐλέγξει πᾶσαν ψυχὴν περὶ πάντων τῶν ἔργων ἀσεβείας αὐτῶν ὧν ἠσέβησαν καὶ περὶ πάντων τῶν σκληρῶν ὧν ἐλάλησαν κατ' αὐτοῦ ἁμαρτωλοὶ ἀσεβεῖς.	1 En 1.9: Ὅτι ἔρχεται σὺν ταῖς μυριάσιν [αὐτοῦ καὶ τοῖς] ἀγίοις αὐτοῦ, ποιῆσαι κρίσιν κατὰ πάντων, καὶ ἀπολέσαι πάντας τοὺς ἀσεβεῖς, καὶ (ἐ)λέγξει πᾶσαν σάρκα περὶ πάντων ἔργων τῆς ἀσεβείας αὐτῶν ὧν ἠσέβησαν καὶ σκληρῶν ὧν ἐλάλησαν λόγων κατ' αὐτοῦ ἁμαρτωλοὶ ἀσεβεῖς.

Parece inútil tentar fechar os olhos para essa evidência.²² Judas citou o livro apócrifo de 1 Enoque.²³ Peter Davids está certo ao resumir que “Judas é claramente dependente da forma encontrada em 1 Enoque, não somente porque ele explicitamente cita esta obra nos versos 14-15, mas também por causa do estreito paralelo entre Judas 6 e o conteúdo de 1 Enoque 6-19”.²⁴ Um grande número de judeus do tempo em que o Novo Testamento foi escrito conhecia aquele livro. Então, a questão ressurge: Judas claramente conhece o Livro de 1 Enoque, pois o está citando literalmente, e o tal livro fala do relacionamento dos anjos com as mulheres. Então, o que Judas tem a dizer a respeito? Ora, ele menciona os anjos pecadores no verso 6. Então, ele não ignorou o fato, nem manteve silêncio. Não seria uma excelente ocasião para desmentir a tão conhecida interpretação judaica, e colocar um fim a esse equívoco de uma vez por todas? Mas, no nosso entendimento, ele faz o contrário. Ele menciona o pecado dos anjos como sendo prostituição, e cita novamente o Livro de Enoque diversas vezes para confirmar isso.

²² Em seus dias, Calvino desconhecia a existência do Livro de Enoque. Por esse motivo, ao explicar Judas 14, disse: “Eu acho melhor pensar que esta profecia não foi registrada, mais do que tenha sido tomada de um livro apócrifo” (CALVIN, John e OWEN, John. *Commentaries on the Catholic Epistles*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010, p. 442–443). Porém, deve ser notado que uma versão etíope do livro foi descoberta e publicada em 1821, pelo arcebispo Lawrence, ou seja, quase três séculos depois de Calvino.

²³ Se alguém disser que, então, Judas citou uma mentira, pois a frase é do falso Enoque e não do verdadeiro, em resposta podemos dizer que a frase talvez seja do Enoque verdadeiro, mas que foi preservada até ser escrita no livro de 1 Enoque através da tradição oral. De qualquer modo, temos um autor do Novo Testamento, inspirado pelo Espírito Santo, confirmando essa parte do ensino do Livro de Enoque. Precisamos aceitar, portanto, que essa parte é verdadeira, ou rejeitarmos a carta de Judas.

²⁴ DAVIDS, *The letters of 2 Peter and Jude*, p. 49.

Agora é o momento de analisarmos o texto de Judas com mais detalhes:

Quero, pois, lembrar-vos, embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas, que o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram; e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia; como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição (Judas 5-7).

Judas está mencionando três maus exemplos de atitudes condenáveis, lá do passado, que Deus não perdoou. Ele menciona esses exemplos do passado para que seus leitores percebam que os falsos mestres do presente igualmente não serão poupados. Os três exemplos são: o exemplo da geração que saiu do Egito, o exemplo dos anjos e o exemplo de Sodoma e Gomorra. Antes de entrarmos especificamente nos termos aplicados aos anjos, deve ser observado que Judas diz algo interessante ao mencionar o pecado de Sodoma e Gomorra: “que, havendo-se entregado à prostituição *como aqueles*, seguindo após outra carne”. Quem são “aqueles” que se entregaram à prostituição em termos semelhantes ao “ir após outra carne” de Sodoma e Gomorra? Ele só mencionou dois exemplos antes, o exemplo da geração que saiu do Egito e o exemplo dos anjos que pecaram. Então, precisa ser um desses dois grupos. “Aqueles” é um pronome demonstrativo adjetival masculino plural. Nesse sentido, realmente poderia ser aplicado a qualquer dos dois grupos anteriores, apesar de fazer mais sentido referir-se ao grupo mais próximo já mencionado, que é exatamente o grupo dos anjos. E note que o pecado da geração do Egito foi explicitamente mencionado acima: “incredulidade”. Eles não creram que Deus poderia dar a terra de Canaã, pois ficaram com medo dos povos que lá residiam. O pecado da geração do Egito não tem relação com “prostituição” ou “ir após outra carne”, pois o próprio Judas disse que foi incredulidade, e o Pentateuco confirma isso. Alguns argumentam que, quando Moisés estava no Sinai, o povo lá embaixo se entregou à prostituição. Isso é verdade, porém, tal fato não os impediu de entrar em Canaã, pois Deus perdoou aquele pecado do povo. E Judas está mencionando pecados que Deus “não perdoou”. Eles não entraram em Canaã porque ficaram com medo do relato dos espias. Foram incrédulos. E por causa disso toda aquela geração morreu no deserto. Somente Josué e Calebe entraram na terra, justamente porque creram. Então, o pecado da geração que saiu do Egito não foi “ir após outra carne”, mas uma atitude de falta de fé no poder e provisão divinos. Por outro lado, o pecado dos anjos não foi mencionado explicitamente. Portanto, logicamente e exegeticamente, quando ele diz que “aqueles” se prostituíram e foram após outra carne, em termos

semelhantes a Sodoma e Gomorra, ele está falando dos anjos,²⁵ e explicando o pecado deles. Assim, “Judas conecta isso à prévia discussão dos anjos com a expressão “de um modo semelhante”, indicando que o pecado dos anjos e o pecado das cidades são similares”.²⁶

O pecado do homossexualismo de Sodoma foi de fato um “ir após outra carne”,²⁷ pois foi algo contrário à natureza dos homens. Do mesmo modo, o pecado dos anjos com as mulheres foi algo contrário à natureza angélica, uma espécie de também “ir após outra carne”. E, por sua vez, “é paralelo à apostasia dos interlocutores na congregação, que abandonaram seus lugares na comunidade por sua própria imoralidade”.²⁸

Esse pecado dos anjos é justamente o pecado que o Livro de Enoque menciona, o livro que Judas está citando literalmente. Na verdade, e agora avançamos ainda mais nessa compreensão, cada uma das palavras usadas por Judas para descrever a transgressão dos anjos no verso 6 é encontrada ou derivada de termos utilizados no Livro de Enoque. Destaco abaixo as principais palavras e os temas correspondentes que aparecem no Livro de Enoque, tanto em português quanto em grego:

²⁵ Tomar “aqueles” (τούτοις) como uma referência aos oponentes do verso 4 é linguisticamente inaceitável. BLACK, David Alan; BARNWELL, Katharine G. L. e LEVINSOHN, Stephen H. *Linguistics and New Testament interpretation: essays on discourse analysis*. Nashville, TN: Broadman Press, 1992, p. 297.

²⁶ DAVIDS, *The letters of 2 Peter and Jude*, p. 52.

²⁷ Richard Bauckham defende que o pecado dos homens de Sodoma foi a tentativa de se relacionar com os próprios anjos, negando assim que fosse “homossexualismo”. BAUCKHAM, *2 Peter, Jude*, 50:54. De fato, se isso pudesse ser comprovado, seria um argumento a mais para enfatizar a semelhança entre o pecado dos anjos e o pecado dos homens de Sodoma. Pecados sexuais não foram os únicos em Sodoma e Gomorra. O livro de Ezequiel diz que o pecado de Sodoma foi soberba, fartura de pão e prospera tranquilidade, mas nunca amparou o pobre e o necessitado (Ez 16.49). Outros textos mencionam também arrogância, injustiça, orgulho e ódio aos estrangeiros (Sir 16:8, 3 Mac 2:5, Ant Josefo. 1.194). Entretanto, certamente há um destaque nos textos antigos sobre homossexualidade. Por “abominações” em Ezequiel 16.50, pode haver uma referência indireta ao homossexualismo condenado na Lei com essa expressão. O mesmo Josefo que menciona orgulho e ódio aos estrangeiros, claramente diz que Sodoma foi também punida por homossexualismo (Ant. 1.200-201). Filo também repercute isso (T. Ab. 134-36; T. Mos. 2.58). O Testamento de Naftali certamente fala de homossexualismo em relação a Sodoma ao mencionar que Sodoma “abandonou a ordem da natureza” (3.4). Imoralidade sexual ainda é nominada como o pecado de Sodoma nos Jubileus (16:5; 20:5-6) e no Testamento de Benjamin (9:1). Disso se conclui que há mais evidência documental de que o pecado de Sodoma foi mesmo homossexualismo. Quanto à tese de Bauckham, ela esbarra num ponto intransponível: o texto de Gênesis não diz que os homens de Sodoma sabiam que eram anjos que estavam na casa de Ló. Eles pedem que “os homens” lhes sejam entregues (Gn 19.5).

²⁸ DAVIDS, *The letters of 2 Peter and Jude*, p. 50.

Judas	1Enoque
Judas 6 – ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia. εἰς κρίσιν μεγάλης ἡμέρας δεσμοῖς αἰδίοις ὑπὸ ζόφον τετήρηκεν·	1 En 10.12 – amarra-os por sete gerações nos vales da terra, até o dia do seu julgamento, até o dia do Juízo Final! δῆσον αὐτοὺς ἑβδομήκοντα γενεάς εἰς τὰς νάπας τῆς γῆς μέχρι ἡμέρας κρίσεως
Judas 6 – e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio. ἄγγέλους τε τοὺς μὴ τηρήσαντας τὴν ἑαυτῶν ἀρχὴν ἀλλὰ ἀπολιπόντας τὸ ἴδιον οἰκητήριον·	1 En 12.4 – Escriba da justiça, vai e anuncia aos Guardiões do céu que perderam as alturas do paraíso e os lugares santos e eternos. ὁ γραμματεὺς τῆς δικαιοσύνης Πορεύου καὶ εἰπὲ τοῖς ἐγρηγόροις τοῦ οὐρανοῦ οἵτινες ἀπολιπόντες τὸν οὐρανὸν τὸν ὑψηλόν
Judas 6 – e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia. ἄγγέλους τε τοὺς μὴ τηρήσαντας τὴν ἑαυτῶν ἀρχὴν ἀλλὰ ἀπολιπόντας τὸ ἴδιον οἰκητήριον εἰς κρίσιν μεγάλης ἡμέρας δεσμοῖς αἰδίοις ὑπὸ ζόφον τετήρηκεν·	1 En 14.5 – Daqui por diante nunca mais havereis de subir ao céu; mas foi determinado que sejais acorrentados aqui na terra por todos os tempos. ἵνα μηκέτι εἰς τὸν οὐρανὸν ἀναβῆτε ἐπὶ πάντας τοὺς αἰῶνας, καὶ *ἐν τοῖς δεσμοῖς τῆς γῆς ἐρρέθη δῆσαι ὑμᾶς εἰς πάσας τὰς γενεάς τοῦ αἰῶνος
Judas 6 – e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio. ἄγγέλους τε τοὺς μὴ τηρήσαντας τὴν ἑαυτῶν ἀρχὴν ἀλλὰ ἀπολιπόντας τὸ ἴδιον οἰκητήριον	1 En 15.3 – Por que motivo abandonastes o alto do céu, santo e eterno. διὰ τί ἀπελίπετε τὸν οὐρανὸν τὸν ὑψηλὸν τὸν ἅγιον τοῦ αἰῶνος
Judas 6 – e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio. ἄγγέλους τε τοὺς μὴ τηρήσαντας τὴν ἑαυτῶν ἀρχὴν ἀλλὰ ἀπολιπόντας τὸ ἴδιον οἰκητήριον	1 En 15.7 – Por isso eu não criei para vós mulheres, pois os espíritos do céu possuem no céu a sua morada. καὶ διὰ τοῦτο οὐκ ἐποίησα ἐν ὑμῖν θηλείας· τὰ πνεύμα(τα) τοῦ οὐρανοῦ, ἐν τῷ οὐρανῷ ἢ κατοικήσις αὐτῶν.

Ou seja, praticamente cada uma das expressões e palavras de Judas 6 pode ser encontrada no livro de 1Enoque. Claramente o conceito de anjos que abandonaram sua morada celeste, e agora estão aprisionados por terem pecado, é um conceito explícito do livro de 1Enoque que Judas repercute não apenas tematicamente, mas textualmente, usando os mesmos termos para definir o pecado dos anjos. Como já foi dito, neste livro de 1Enoque é defendido que esse pecado foi o relacionamento deles com mulheres em Gênesis 6. Novamente deve ser dito: se Judas entendesse que isso estava errado, uma vez que

citou o referido livro e mencionou textualmente as partes em que o livro diz que o pecado dos anjos com as mulheres foi o ato de abandonar sua morada no céu para pecar com as mulheres, e posteriormente serem aprisionados nas trevas, se ele não concordasse com essa interpretação, então tinha a obrigação de esclarecer seus leitores de que aquela história era falsa.²⁹ Porém, não apenas ele não faz isso, como claramente confirma a história ao usar os mesmos termos de 1 Enoque!

Isso não significa que Judas considerasse o livro de 1 Enoque inspirado, nem que tudo o que está escrito no referido livro seja verdade, mas deve ser entendido que aquela parte do livro de Enoque é verdade porque é verdade de Deus, independente da fonte. É preciso lembrar que “uma apropriação geral de uma tradição não é a mesma coisa que aceitar cada detalhe dessa tradição”.³⁰ Ou, como pontua Michael Green, Judas não endossa necessariamente todo o livro; o que faz, no entanto, como qualquer pregador sábio, é empregar a linguagem e formas de pensamento correntes no seu tempo para inculcar nos seus leitores, em termos altamente significativos para eles, os perigos da concupiscência e do orgulho.³¹ Porém, é praticamente impossível negar que Judas está dando apoio à interpretação judaica de que alguns anjos pecaram com mulheres em Gênesis 6, e por isso foram aprisionados.

Na verdade, a própria estrutura que Judas usa, de citar os três exemplos do passado, ou seja, a geração do Egito, a geração de Sodoma e os anjos do dilúvio, segue um padrão que pode ser encontrado em vários outros livros.³² E na maioria desses livros se reconhece que o pecado dos anjos é o relacionamento com mulheres. Como Judas poderia usar a mesma estrutura amplamente conhecida pelos judeus se quisesse provar algo diferente, sem mostrar que estava querendo provar algo diferente?

3. AS CARTAS DE PEDRO

Talvez por esse motivo, muitos cristãos preferiram não incluir Judas no cânon do Novo Testamento. Mas não adiantaria tirar Judas do cânon. O apóstolo Pedro confirma o ensinamento de Judas e do livro de Enoque sobre anjos em prisão, também usando termos do livro de Enoque, e ainda por cima parece ligar o fato diretamente com o dilúvio:

²⁹ Schreiner nota acertadamente que “Judas quase que certamente precisaria explicar que ele estava abandonando a visão judaica estabelecida de Gn 6.1-4 se ele não concordasse com a tradição judaica. A brevidade do verso suporta a ideia de que ele concordava com a tradição judaica”. SCHREINER, *I, 2 Peter, Jude*, vol. 37, p. 448.

³⁰ *Ibid.*, p. 450.

³¹ GREEN, Michael. *II Pedro e Judas*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1988, p. 157-158.

³² Cairo Damascus (CD–A Col. ii:13); Eclesiástico 16.7-10; 3Mac 2.4-7; Testamento de Naftali 3.4-5; m. Sanhedrin 10:3).

Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios... (2Pe 2.4-5).

Quando o autor diz que Deus “não poupou aqueles anjos”, ele está fazendo uma menção direta ao fato de que, apesar de aqueles anjos terem pedido clemência e misericórdia no referido livro, Deus não os poupou e os aprisionou no abismo.

A seguinte citação nos revela o contexto literário da afirmação de Pedro:

Enoque, tu, o Escriba da Justiça, vai e anuncia aos Guardiões do céu que perderam as alturas do paraíso e os lugares santos e eternos, que se corromperam com mulheres à moda dos homens, que se casaram com elas, produzindo assim grande desgraça sobre a terra; anuncia-lhes: “Não encontrareis nem paz nem perdão”. Da mesma forma como se alegram com seus filhos, presenciarão também o massacre dos seus queridos, e suspirarão com a sua desgraça. Eles suplicarão sem cessar, mas não obterão nem clemência nem paz! (1Enoque 12).

Várias vezes no livro de 1Enoque se menciona que Deus não os pouparia, nem concederia clemência e que eles seriam aprisionados em abismos de trevas, e seus filhos destruídos. Pedro usa o termo tártaro para definir o local em que esses anjos estão aprisionados. Literalmente ele diz que os anjos foram “em abissais cadeias tenebrosas, lançados no tártaro” (σειραῖς ζόφου ταρταρώσας). O termo tártaro, oriundo da mitologia grega, traduz bem o sentido da mais terrível de todas as prisões do submundo.

O texto de 2Pedro 2.1-22 é um forte paralelo teológico e textual de Judas 3-19. Uma simples leitura paralela das duas passagens deixa isso totalmente evidente. Claramente, um dos dois autores fez uso do outro e acrescentou detalhes. Portanto, os anjos em prisão destacados em 2Pe 2.4 só podem ser os mesmos mencionados em Judas 6, ou do contrário, toda lógica desaparece. Defendemos que em Judas 6, eles são os “filhos de Deus” de Gênesis 6 que pecaram com as mulheres e por causa disso foram aprisionados. Portanto, 2Pedro 2.4 faz menção a esse mesmo grupo. Mas será que os “espíritos em prisão” mencionados na Primeira Carta de Pedro, para quem Cristo fez uma proclamação, também se referem ao mesmo grupo?

No nosso entendimento trata-se do mesmo grupo, pois Pedro diz que são “espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé” (1Pe 3.19-20). Ou seja, os temas de “prisão” e “dilúvio” aparecem aqui também. E, novamente, precisamos perguntar: de onde vinham esses conceitos quando Pedro escrevia a primeira carta, a respeito de alguém que havia sido aprisionado por ter feito algo errado no tempo que antecedeu o dilúvio? A segunda carta que ele escreveu

e também a carta de Judas já nos responderam isso: do livro de 1 Enoque, da história dos anjos que pecaram com as mulheres em Gênesis 6.

O texto está dizendo que Jesus, após sua ressurreição, no poder do Espírito, foi até esse lugar de prisão, e proclamou³³ sua vitória sobre aqueles espíritos que, noutro tempo, ou seja, no passado, foram desobedientes, nos dias de Noé. Portanto, Cristo não foi “desencarnado” fazer alguma proclamação em algum lugar, mas após a ressurreição ele foi e anunciou sua vitória aos espíritos em prisão. E após fazer isso, ele subiu ao céu, deixando os principados e potestades debaixo de seus pés (1Pe 3.22).

Contrariando essa noção, Wayne Grudem argumenta que o texto deveria ser traduzido de outra forma, ou seja: “espíritos que *agora* estão em prisão” (isto é, durante o tempo em que Pedro estava escrevendo), que foram pessoas na terra no tempo de Noé, quando Cristo pregou a eles.³⁴ A sequência da frase também recebe nova tradução de Grudem: “quando eles anteriormente desobedeceram”. Assim, Grudem conclui que Cristo, na verdade, pregou através “dos lábios de Noé”.³⁵

No entanto, essa interpretação é extremamente forçada e gramaticalmente incerta. A interpretação de que Jesus “pregou através de Noé”, nos dias do próprio Noé, como nota I. Howard Marshall, “enfrenta dificuldades insuperáveis”, pois a passagem mais naturalmente se refere a um incidente que tomou lugar depois que Cristo foi “feito vivo”.³⁶ Além disso, Grudem precisa interpretar forçadamente o verso 19, chamando de “espíritos em prisão” pessoas que viveram nos dias de Noé, o que sem dúvida é um tratamento absolutamente estranho, ainda mais quando se considera o fato de que os leitores de Pedro tinham outra ideia muito clara de quem eram esses espíritos aprisionados.

³³ O termo “proclamou” é tomado por alguns autores como sendo uma referência à “pregação do Evangelho”. Embora, sem dúvida, o termo possa ser usado nesse sentido ao longo do Novo Testamento, é o contexto da afirmação em 1 Pedro que deve nortear o entendimento. Edmund Clowney expõe uma argumentação que pode esclarecer isso: Uma vez que Pedro está fazendo alusão aos espíritos aprisionados dos dias de Noé, cujo conhecimento é proveniente do livro de Enoque, então fica mais claro o sentido do termo. A crença dos dias de Pedro era de que Enoque havia sido uma espécie de intercessor daqueles espíritos aprisionados. Ele subiu ao céu para levar até Deus a súplica por perdão. No entanto, Deus respondeu, segundo relata o livro, que aqueles anjos não seriam poupados, e nem a descendência deles (ver 2Pe 2.4: “Deus não poupou anjos...”). Então, Enoque foi incumbido de levar a mensagem de condenação a eles. Ao dizer que Jesus é quem de fato fez essa proclamação, Pedro está mostrando que esse papel não pertenceu a Enoque, mas a Cristo. Assim “não Enoque, mas Cristo, é aquele que confronta as forças angélicas e demoníacas do mal”. CLOWNEY, Edmund. *The Message of 1 Peter*. Downers Grove: Inter-Varsity, 1989, p. 161. Porém, é preciso reconhecer que Clowney inclina-se mais para a ideia de que Cristo tenha pregado aos espíritos em prisão por meio de Noé, conforme segue sua argumentação no comentário.

³⁴ GRUDEM, *1 Peter*, p. 159.

³⁵ *Ibid.*, p. 160.

³⁶ MARSHALL, *1 Peter*, p. 124.

A associação geralmente feita entre essa passagem e 2Pedro 2.5, ou seja, de que Noé foi um “proclamador da justiça” e, portanto, seria correto dizer que Jesus pregou por meio dele a seus contemporâneos, mais uma vez é forçada, pois não há respaldo no restante da Escritura para o fato de que Noé tenha proclamado alguma coisa a seus contemporâneos, ou oferecido alguma oportunidade de salvação a eles. Ao contrário, pois Deus claramente disse que havia determinado destruir “toda carne” (Gn 6.13), e ordenou que Noé construísse a arca, pois somente ele e a sua família seriam salvos entre os homens (Gn 6.14-18). Não há nenhum mandado de Deus para que ele pregasse a seus semelhantes. O texto, então, relata que Noé simplesmente fez “consoante a tudo o que Deus lhe ordenara” (Gn 6.22). O autor da carta aos Hebreus confirma que “pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação *de sua casa*; pela qual *condenou o mundo* e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé” (Hb 11.7). Portanto, a proclamação que Noé fez ao mundo não foi uma oferta de salvação, mas justamente uma proclamação da justiça condenatória de Deus. Essa justiça destruiu o mundo. Por esse motivo, é bastante provável que a expressão “da justiça” aplicado a Noé como proclamador (2Pe 2.5), não tenha relação com algum conteúdo proclamado por ele, mas à sua própria postura perante o mundo, uma característica dele próprio,³⁷ como um testemunho da justiça punitiva de Deus.

Porém, se o preconceito contra a ideia de que anjos pecaram com mulheres é posto de lado, a leitura do texto de 1Pe 3.18-21 fica muito simples e sequencial. O ensino da passagem é que Jesus morreu na carne, mas ressuscitou no Espírito, então foi e pregou aos espíritos aprisionados, aqueles que no passado foram rebeldes no tempo do dilúvio. Depois disso, Cristo foi para o céu, e agora todos os anjos e principados estão debaixo de seus pés. Assim, a sequência do texto é:

- 1) Os cristãos devem estar preparados para sofrer injustamente (1Pe 3.17).
- 2) Cristo também sofreu injustamente e morreu na carne (1Pe 3.18).
- 3) Porém, ele ressuscitou no espírito e triunfou sobre seus inimigos, podendo proclamar aos piores dentre eles sua vitória (1Pe 3.19).
- 4) Então, ele subiu ao céu, e agora todos os anjos, bons e maus, estão sob seu domínio (1Pe 3.22).
- 5) Por isso, os cristãos devem estar preparados para sofrer na carne, aguardando o julgamento de Deus sobre os inimigos (1Pe 4.1-5).

³⁷ DALTON, William J. *Christ's proclamation to the spirits*. Melbourne: Catholic Theological College, 1989, p. 158.

Deste modo, a exortação de Pedro aos seus leitores é para que não revidem as agressões, mas aguardem o momento em que Deus lhes dará a vitória e o triunfo sobre os adversários.

Em último lugar, é preciso observar que o único argumento efetivo usado contra a ideia é o que Jesus disse em Lucas 20:35-36:

... mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.

Note-se, porém que Jesus está falando do futuro, quando os crentes ressuscitarem, e, mesmo tendo corpos, não se casarão mais. A questão, entretanto, não parece ser a impossibilidade teórica de que isso aconteça, mas o fato de que Deus decidiu que isso não deve acontecer.³⁸ Assim como nós hoje podemos nos casar, mas no futuro não poderemos mais, poderia ser possível dizer que aqueles anjos do passado desobedeceram, e fizeram aquilo que não devia ser feito, e a partir de então perderam essa possibilidade. Portanto, essa passagem, ao invés de contradizer o assunto, até mesmo o reforça, pois chama os crentes ressuscitados de “iguais aos anjos, filhos de Deus”, o título dado a eles em Jó 1.6 e em Gênesis 6.1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Provavelmente, uma das maiores dificuldades de muitos evangélicos em aceitar a teoria do relacionamento dos anjos com as mulheres é a noção de que isso mudaria o conceito bíblico sobre a queda dos anjos em geral. Se aquele pecado representa a queda original dos anjos, portanto, ela não teria acontecido antes de Gênesis 3. Porém, deve ser notado que apenas Satanás é mencionado em Gênesis 3, e nenhum outro anjo. De qualquer modo, o pecado daqueles anjos no tempo do dilúvio não precisa ser necessariamente a queda original dos anjos, mas um aprofundamento da mesma, por parte de alguns anjos que já poderiam estar seguindo Satanás em sua rebelião anterior. O fato de que somente esses anjos foram aprisionados sugere que Satanás e outros rebeldes não participaram do pecado de Gênesis 6, por isso não foram lançados no tártaro.

Outro temor que causa rejeição de muitos a esse entendimento é a dúvida sobre se isso ainda poderia acontecer hoje. Porém, nesse caso a resposta é não. Deus lançou todos aqueles anjos no tártaro (2Pe 2.4). Deus não permite mais que anjos se relacionem com mulheres, como o próprio Cristo declarou.

³⁸ “Na verdade, Mateus não diz que anjos não tem sexualidade, mas que eles não podem se casar ou ser dados em casamento”. SCHREINER, *1, 2 Peter, Jude*, 37:451.

Não cabe aqui especular qual foi a forma utilizada: se eles assumiram forma humana ou se possuíram homens como Bruce Waltke defende. O fato é que não temos nenhuma informação na Bíblia sobre como isso se deu, mas sabemos que anjos podiam comer e exercer atividades físicas próprias de um homem (Gn 18.7-8; Hb 13.2).

Um último questionamento sobre esse assunto diz respeito aos motivos da proclamação de Cristo àquele grupo específico de anjos. Por que somente para eles? Mas, o fato é que a proclamação específica que Pedro está registrando é, na verdade, um modo de explicar que “ninguém” das forças hostis ficou de fora. O ensino do Novo Testamento é que, através da cruz, Jesus triunfou sobre os principados e potestades e os expôs ao ridículo (Cl 2.15). Pedro conclui o ensino da passagem dizendo que, após subir aos céus na ascensão, Cristo se colocou acima de todos aqueles poderes hostis, os quais lhe ficaram subordinados (1Pe 3.22). Portanto, o relato da proclamação aos espíritos aprisionados completa essas narrativas, ou seja, ninguém ficou de fora do senhorio de Cristo, nem mesmo aqueles antigos anjos caídos que estavam há tanto tempo aprisionados.

O ensino geral de todas essas passagens referidas, quais sejam Judas 6, 1Pe 3.18-22 e 2Pe 2.4 é o mesmo: a vitória do Evangelho e a derrota dos poderes hostis. Enquanto os antigos poderes permanecem aprisionados, e os anjos caídos são agora submetidos ao senhorio de Cristo, uma verdade é exaltada: “O Senhor ressuscitado é o evangelho vivo”.³⁹ Sua vitória sobre a morte, sua passagem pelo tártaro após sua ressurreição e sua subida ao céu “acima de todos os principados” é a grande evidência de que o Evangelho venceu.

E, por último, voltamos à pergunta de VanGemerem: por que cristãos que creem em tantos fatos sobrenaturais da Bíblia têm dificuldades em crer que, de algum modo, anjos caídos se relacionaram com mulheres e foram punidos por Deus?⁴⁰ Portanto, a compreensão desse assunto nos leva a uma compreensão maior do próprio ensino bíblico sobre os poderes malignos, e a um resgate da cosmovisão bíblica, sem ceder ao dogmatismo do racionalismo, que não seduz apenas o lado liberal da teologia, mas muitas vezes também o conservador. Esse triunfo e proclamação de Cristo aos espíritos em prisão mostra que os efeitos do Evangelho são muito maiores do que normalmente imaginamos. Quando entendemos esse assunto, compreendemos melhor o tamanho da vitória de Cristo.

ABSTRACT

The article retakes the old discussion on the sin that some fallen angels committed with women in Genesis 6:1-4, and their imprisonment, in the light

³⁹ DALTON, *Christ's proclamation to the spirits*, p. 19.

⁴⁰ VANGEMEREN, *The sons of God in Genesis 6:1-4*, p. 320.

of 1 Peter 3:18-22, Jude 6, and also 2 Peter 2:4. It considers the historical development of the subject and the controversies around it, especially among the church fathers until Augustine, and its reconsideration in our time among the main conservative and reformed commentators on the letters of Jude and Peter. The relationship of angels and women is defended on the basis of Genesis 6:1-4 by means of apocryphal and pseudo-epigraphical literature. Through a textual, exegetical, and theological comparison of the passages in 1 Peter, 2 Peter, and Jude with the book of 1 Enoch, the article argues that such interpretation is also supported by these New Testament books. The article discusses some implications of this theory and offers explanations for some of its most controversial aspects.

KEYWORDS

Spirits in prison; Fallen angels; Genesis 6:1-4; Sin with women; Apocryphal literature; 1Peter 3:18-22; Jude 6.